



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REENCONTRO COM O SERTÃO

Fernanda Ramos Lacerda*
(UESB)

Geisa Flores Mendes**
(UESB)

RESUMO

Esse artigo apresenta uma breve construção sobre a pluralidade de sentidos do sertão e suas diferentes representações, analisa a importância da literatura de cordel comorepresentação da cultura humanística e de como a linguagem utilizada no cordel enfatiza a compreensão das representações do espaço geográfico para a construção da memória. Essa breve análise permite perceber o quanto de sertão permanece nessa literatura e o quanto faz parte de uma resignificação do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão. Memória. Espaço Geográfico.

INTRODUÇÃO

Para lhes deixar a par
Sobre essa literatura
Que é mais popular
E ainda hoje perdura
Vamos direto ao começo
Donde vem esta cultura
(ABDIAS CAMPOS, 2005, p.6)

Vivemos cercados por histórias, sejam elas contadas em novelas, filmes, parábolas, músicas, livros ou simplesmente narradas pelas avós, mães ou pais

*Aluna do curso de Especialização em Análise do Espaço Geográfico, graduada em Geografia pela UESB e participante do grupo de pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais. nandarlacerda@gmail.com.

**Doutora em Geografia pela UFS e professora do Departamento de Geografia da UESB. Líder do grupo de pesquisa do CNPq intitulado Espaço, Memória e Representações Sociais. geisauesb@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

antes de dormir. E mesmo com todo o aparato tecnológico que nos cerca, com livros virtuais e filmes em terceira dimensão, ainda nos encantamos quando alguém descreve algo com entusiasmo ou quando ouvimos uma história, um conto, uma fábula, uma lenda, ou um cordel. Esse dom de ouvir e narrar pertence somente à espécie humana, somente nós dizemos: “Era uma vez...”, e damos continuidade aos sonhos mesmo estando acordados.

Essas narrativas e histórias contadas ao pé da cama desde crianças, é que nos fazem ter o primeiro contato com a literatura. As “histórias de tradição oral”(FARIAS, 2006, p.15) nos permitem crescer mais criativos, nos aguça a curiosidade, nos fazem ver o mundo com olhar mais sensível. Ouvir histórias nos põe em contato com valores e crenças que podem ter passado por gerações e nos dá a oportunidade de continuar encantando.

Essas histórias da tradição são também chamadas de conhecimento humanístico. Diferente do conhecimento científico produzido nas universidades ou laboratórios, o conhecimento humanístico refere-se aos saberes populares, aos conhecimentos transmitidos por gerações na construção da cultura e dos valores de uma população. A literatura de cordel representa uma dessas construções do conhecimento que expressam as manifestações culturais da população. Mas esses conhecimentos não perduraram por tanto tempo nas sociedades sem uma forma ou técnica. Para Farias:

A rima, por exemplo, foi amplamente difundida, pois o conhecimento era mais facilmente recordado. Os sons padronizados ajudam a encavar as histórias nas mentes dos ouvintes. A literatura de cordel constitui-se um desses exemplos, com suas histórias em versos rimados (FARIAS, 2006, p.36).

Essas codificações presentes nos versos e rimas permitem que o conhecimento popular atravessasse gerações e crie raízes nas representações dos valores, crenças e regras, acumulando saberes e norteando as ações das sociedades



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o uso da literatura de cordel como fonte de pesquisa, possibilita a compreensão das representações do espaço geográfico em suas rupturas e permanências. A análise da linguagem usada no cordel juntamente com as xilogravuras não só valoriza essa produção popular como tem grande importância no entendimento da construção da memória individual e coletiva na representação do sertão.

A literatura de cordel ganhou este nome em Portugal, onde era exposto ao povo amarrado em cordões, estendido em pequenas lojas de mercados populares ou até mesmo nas ruas. Sua origem remonta ao período medieval, com trovadores que cantavam seus versos nas praças e aldeias. Chegou ao Brasil no século XVIII e aos poucos, foi se tornando cada vez mais popular, expressando de forma poética o dia a dia que se formava nos centros urbanos, como também a necessidade de reviver as histórias tradicionais contadas à beira do fogão a lenha. As histórias ganhavam forma e ritmo.

Os cordéis ainda são vendidos em lonas ou malas estendidas em feiras populares a custo baixo, geralmente estes pequenos livros são vendidos pelos próprios autores, porém também são encontrados em livrarias e vistos como arte que religa traços históricos, saberes populares, conhecimento, música e instrumentos. Dentre os seus representantes pode-se destacar os poetas Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Zé Melancia, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, e Ignácio da Catingueira dentre outros.

Vários escritores foram influenciados pela arte que se abre na literatura de cordel, como João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa. Muitos historiadores e antropólogos estudam esse tipo de literatura com o objetivo de buscar informações preciosas sobre o sertão, sobre a cultura e a história de uma época. Em meio à ficção, resgatam-se a memória de vestimentas, crenças, comportamentos, objetos e linguagem. Deixando de ser só um elemento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da cultura popular o cordel passa a ser reconhecido como um elemento importante na pesquisa e na construção do saber científico.

No cordel de Abdias Campos, artista popular cordelista, violeiro e compositor de Pernambuco, é possível verificar a importância dessa literatura para a população,

Na alfabetização
Da zona canavieira
O cordel era a cartilha
Que se comprava na feira
Educando o Homem rude
Para a leitura primeira

Vivia na dianteira
Como canal de cultura
De produção popular
Da nossa literatura
Era a comunicação
De informação segura
(CAMPOS, 2005, p.6)

Esse fragmento de cordel expressa como a população se apropria dessa produção e agrega a literatura aos seus valores, enriquecendo a cultura ao longo do tempo. Além da poesia que representa o sertão em rimas e ritmos, o cordel geralmente traz em seus livretos a xilogravura, uma imagem que representa o tema do cordel, originalmente talhado em madeira em forma de carimbo utilizando tinta a base de óleo. Essas imagens quase sempre trazem representações muito simples e significativas, nelas é possível observar a presença de animais e pessoas,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

as festas populares, o cotidiano, as batalhas e a vegetação, quase sempre são imagens que fazem referência ao sertão, com seus diversos sentidos.

A análise das representações do espaço geográfico no cordel, tanto na literatura quanto nas xilogravuras, permite perceber o quanto de sertão permanece nessa literatura – como uma representação da sociedade presente na memória individual e coletiva – e o que faz parte de uma resignificação do espaço. Halbwachs já evidenciava que as imagens espaciais desempenham papel fundamental na memória coletiva. O referido autor enfatiza a significação do espaço para a construção da memória coletiva ao destacar:

O espaço é uma realidade que dura [...] não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990 [1968], p.143).

As imagens tem originalidade e identidade únicas, elas carregam uma referência de espaço e sertão, pelo menos nos cordéis e xilogravuras mais antigos, em que se buscava a linguagem mais próxima da realidade. No cordel de Abdias Campos observa-se a construção do cordel como fonte de informação como um canal de cultura utilizado pela população. Por isso a importância do cordel não só como instrumento de análise das representações sociais e do espaço geográfico, mas como referência de utilização de linguagem e comunicação que se faz sobre o sertão, presente até hoje na sociedade. Como afirma Mendes:

[...]sertão é, dialeticamente, um espaço que significa e é significado. Essa significação certamente depende de quem, de onde e de quando se fala sobre ele, pois os valores e sentidos não



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

são nem constantes e estáveis, nem inerentes aos objetos e conceitos, antes, derivam de uma construção que se efetiva em determinados contextos sociais, históricos e culturais (MENDES, 2009, p.73).

Redescobrir o sertão por meio da literatura de cordel mostra como a literatura popular é rica como fonte de conhecimento e pode ser utilizada como instrumento de pesquisa. O cordel é expressão viva da linguagem sertaneja, e essa linguagem é responsável pela sua permanência no tempo e na memória coletiva.

Memória Sertaneja

Não quero ser condutor
De uma luta inglória
Mas alerta ao leitor
Que o cordel tem memória
Fundamentada em valores
Pontificados na história.
(ABDIAS CAMPOS, 2005, p.5)

A literatura de cordel faz o sertão parecer estar sempre perto, como a farinha no armário da cozinha, e também longe como as imagens mais secas e quentes presentes na memória. Para Mendes “[...] cada vez que a palavra sertão é evocada, alguns elementos cristalizados retornam, mas, ao mesmo tempo, derivam para outros sítios de significação, produzindo efeitos nas relações que se materializam entre a memória, as representações e o espaço” (MENDES, 2009, p.76). Falar sobre sertão é falar dos espaços construídos e representados nas mais diversas formas e manifestações culturais.

Mas como é falar sobre o sertão sem ter o aporte de uma grande obra literária? Como é possível falar das paisagens sertanejas sem tê-las visto da janela do ônibus? Como reconhecer as grafias e as rasuras no espaço geográfico sem ter transitado pelas linhas da história e da memória que a criaram?



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Vicentini diz que “Sertão está onde estão atualizadas as identidades que o definem” (VICENTINI, 2007, p.194). Assim, para ela somente a espacialidade não o define mais. No entanto, existem os vários sertões, “[...] os sertões circunstanciais, pequenos, rendilhados, no campo, na cidade interiorana, na cidade grande, cruzados e delimitados pelas estradas de rodagem, pelos povoados, pelas pequenas cidades cobertas de antenas”(VICENTINI, 2007, p.194).

Essa pluralidade e movimento que se apresenta no sertão é reflexo de um momento em que o sertão deixa de ser somente território e passa a ser espaço das representações sociais. Mendes afirma que

Sertão é sempre plural, e essa pluralidade, permeada de relações dinâmicas, é continuamente marcante nas suas representações. Sertão é, assim, lugar e território, espaço movente. Os seus sentidos não se enquadram em singularidades, antes, são transpassados por uma multiplicidade de memórias que, numa estreita simbiose, por sua vez, vão gerar uma pluralidade de representações sociais. (MENDES, 2009, p.110)

No mesmo momento em que o sertão é explorado e conquistado pelos portugueses com a dizimação de civilizações indígenas e com a exploração dos negros, nasce uma nova significação, surgem novas culturas e o movimento de recriação fortalece o espaço de vivências. Ivo diz que “[...] os sertões foram o lócus não apenas do uso de diferentes idiomas europeus, africanos e indígenas, mas, o espaço das misturas biológicas e culturais” (IVO, 2012, p.18).

Para Amado sertão é uma categoria socioespacial, um conceito movente e mutante, como a sua própria representação, e o “[...] sertão ocupa lugar extremamente importante na literatura brasileira, representando tema central na literatura popular, especialmente na oral e de cordel, além de correntes e obras literárias cultas”. (AMADO, 1995, p.3).

O sertão se materializa de maneira muito significativa na literatura de cordel e o conhecimento presente em tal literatura inclui uma diversidade de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

saberes referentes a sociedade e o espaço. Esses saberes são essenciais na construção da memória e na representação social dentro de um determinado lugar. Para Halbwach, “[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (HALBWACHS, 2006, p.170). Ao mesmo tempo em que o cordel enriquece a literatura, ele constrói uma identidade e permite uma representação de sertão muito específica. Por isso, “Ler as diversas traduções do espaço – rede verbal em suas múltiplas relações transtextuais, numa abordagem transdisciplinar – é fundamental para a apreensão da complexidade das questões socioespaciais”(MELO, 2006, p.51). Essa afirmação enfatiza a importância dos saberes populares e as possibilidades oferecidas por eles na compreensão das relações sociais e do espaço.

A presença viva do sertão na memória popular seja como referência entre campo e cidade, norte e sul, interior ou capital, ou ainda observando seus diversos sentidos como o econômico, social, histórico ou imaginário, associadas às inúmeras narrativas sobre ele presentes na literatura, podem ajudar a redescobrir a memória sertaneja. A literatura por si só, não nos dá o sertão de presente, mas resgata em nós o que já existe dele.

Sertão Cantado

Desde as casas de riquezas
Nas varandas das fazendas
Até os dias de feira
Entre os escombros de vendas
Histórias eram cantadas
De verdadeiras a lendas
(ABDIAS CAMPOS, 2005, p.4)

Durante muito tempo a literatura de cordel foi utilizada como meio de comunicação divulgador de fatos reais ocorridos no sertão, e também de temas de caráter ficcional como romances ou histórias herdadas da tradição européia. Mas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como esse tipo de literatura permaneceu viva por tanto tempo na memória popular em uma das regiões com o maior índice de analfabetismo do Brasil?

A resposta está na linguagem utilizada e na forma como os versos são estruturados, pois eles são feitos para serem declamados ou simplesmente cantados. Numa linguagem simples, tratando de temas populares, ao serem cantados também são facilmente lembrados. Por isso o cordel é poderosa fonte de veiculação de mensagens, culturas, saberes e linguagens.

Essa linguagem presente no cordel permite a análise da representação do espaço geográfico de uma maneira singular, pois tanto nos fatos e histórias reais como na ficção, a representação do sertão no cordel expressa o espaço construído e modificado pela sociedade em um determinado tempo.

Por tudo isso, a cultura humanística presente no cordel, dá a essa literatura o lugar de destaque na memória não só do sertão, mas de todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995.
- CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de Cordel*. 3ª Edição, 2005.
- FARIAS, Carlos Ademir Farias. *Alfabetos da Alma, histórias da tradição na escola*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.
- MELO, Adriana Ferreira de, *O Lugar Sertão: Grafias e Rasuras*. 2006. 131f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- MENDES, Geisa Flores. *Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais*. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, V. 10, n. 2, jul./dez. 2007.